

Análise semiótica do discurso e perspectivas educacionais na mídia: quando o negro é colocado como figurante

Renan Antônio da Silva ¹

Maria Cecília de Souza Minayo ²

RESUMO

Este estudo faz uma análise do discurso de dois textos veiculados nas redes sociais da internet e duas reportagens televisionadas, replicados no ciberespaço, sobre o preconceito racial. O objetivo deste estudo é o de analisar o discurso e descrever a ideologia e sistemas de valores implícitos nos textos, além de discutir o papel da mídia, como veículo do discurso educacional no que se refere ao combate a crimes de preconceito. Por meio dessa análise discursiva, é possível não só evidenciar o modo como são manifestadas as relações intersubjetivas no contexto midiático, como também revelar as representações ideológicas contemporâneas sobre a temática racial. Para tal estudo, utilizamos a metodologia semiótica. Verifica-se, por outro lado, que se manifestam discursos com uma intencionalidade educativa que não se desenvolve na escola, abrindo espaço para uma discussão sobre o papel da mídia, como veículo de discursos educativos e preventivos.

Palavras-chave: análise do discurso; cultura; discurso educacional; preconceito racial; semiótica.

¹ Doutor em Educação Escolar (UNESP). Docente Colaborador no Programa de Pós – Graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1171-217X>. E-mail: renan.antonio@uece.br

² Doutora em Saúde Pública. Pesquisadora Emérita da FIOCRUZ e CNPq, Bolsista Produtividade 1A. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6187-9301>. E-mail: lepp@rc.unesp.br

Semiotic discourse analysis and educational perspectives in the media: when the black is placed as an extra

ABSTRACT

This study analyzes the discourse of two texts broadcast on social networks on the internet and two televised reports. replicated in cyberspace, about racial prejudice. The objective of this study is to analyze the discourse, describe the ideology, and value systems implicit in the texts, in addition to discussing the role of the media, as a vehicle of educational discourse regarding combating crimes of prejudice. Through this discursive analysis, it is possible not only to highlight the way in which intersubjective relations are manifested in the media context, but also to reveal contemporary ideological representations on the racial theme. For this study, we used the semiotic methodology. On the other hand, there are discourses with an educational intention that are not developed at school, opening space for a discussion about the role of the media, as a vehicle for educational and preventive discourses.

Keywords: discourse analysis; culture; educational discourse; racial prejudice;.

Análisis semiótico del discurso y perspectivas educativas en los medios: cuando el negro se coloca como un extra

RESUMEN

Este estudio analiza el discurso de dos textos difundidos en redes sociales en internet y dos reportajes televisivos. replicado en el ciberespacio, sobre el prejuicio racial. El objetivo de este estudio es analizar el discurso y describir la ideología y los sistemas de valores implícitos en los textos, además de discutir el papel de los medios de comunicación, como vehículo del discurso educativo en lo que respecta al combate de los delitos de prejuicio. A través de este análisis discursivo, es posible no solo resaltar la forma en que las relaciones intersubjetivas se manifiestan en el contexto mediático,

sino también revelar las representaciones ideológicas contemporáneas sobre el tema racial. Para este estudio, utilizamos la metodología semiótica. Por otro lado, hay discursos con intención educativa que no se desarrollan en la escuela, abriendo espacio para una discusión sobre el papel de los medios, como vehículo de discursos educativos y preventivos.

Palabras clave: análisis del discurso; cultura; discurso educativo; prejuicio racial. semiótica.

INTRODUÇÃO

Propõe-se uma análise do discurso de textos propagados na mídia, sobre a temática étnico-racial, a fim de se discutir como veicula o preconceito e, nesse processo, como se manifestam discursos, nos quais se caracteriza uma intencionalidade educativa, ao se alertar o grande público sobre crimes de preconceito racial de internet. Para isso, selecionamos dois textos sincréticos, em que se manifestam diferentes linguagens segundo uma perspectiva semiótica, que veiculam o preconceito étnico-racial e duas reportagens televisionadas: *Famosos são vítimas de racismo nas redes sociais* (RECORD, 2015) e *William Bonner interrompe Jornal Nacional para Maju comentar caso de racismo enfrentado na net* (GLOBO, 2015).

Tais reportagens, replicadas na internet, tratam do preconceito sofrido por personalidades negras famosas e os textos sincréticos, também replicados em redes sociais a partir de tais reportagens, tratam do preconceito sofrido por duas delas: Maju, repórter Maria Júlia Coutinho, e Ludmila, cantora e compositora Ludmila Oliveira da Silva. O fato é que as atitudes racistas cometidas contra essas pessoas geraram indignação em boa parte da população brasileira, chegando a ser assunto de destaque em alguns jornais da mídia nacional.

É importante dizer que na mídia refletem-se as ideologias e sistemas de valores socioculturais brasileiros. O preconceito étnico-racial existe no Brasil e a evidência deste, propagada na internet, chama a atenção para o fato de que se expressa o racismo, seja com

pessoa notória, ou não, de uma classe social privilegiada ou da periferia.

É sabido que o Brasil é racista e que o ódio racial foi alimentado por diferentes discursos, desde o sistema colonial, da escravidão, diferenças culturais e religiosas, por oposição à cultura branca europeia, tomada como padrão na sociedade brasileira, por várias razões, sobre as quais não se detém esta pesquisa. Para Munanga (2012), o racismo é um crime perfeito no Brasil, ele destrói a consciência do povo brasileiro sobre a questão racial e ainda culpabiliza a própria vítima pelo racismo cometido contra ela mesma.

Segundo Melo (2010), no meio jurídico discute-se, pois, a respeito dos crimes eletrônicos que envolvem práticas preconceituosas no ambiente virtual, dentre outras práticas, muitas vezes os agentes de tais crimes usam o espaço virtual exatamente por suas peculiaridades tecnológicas, além de se beneficiarem do anonimato e do distanciamento entre os usuários, muito comum no espaço em questão.

Por essa razão, a discriminação sofrida pelas personalidades em questão é recorrente nas redes sociais. Nesse espaço veiculam-se diferentes mensagens e textos que tratam de maneira perversa as questões da diversidade étnico-racial, dentre outras diferenças, ratificando o tratamento discriminatório entre homens e mulheres na contemporaneidade. A violência propagada neste espaço é dissimulada sob a ideia de que vivemos em uma sociedade “democrática” e “civilizada”.

Pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável (RIBEIRO, 2016).

Daí nos utilizarmos da transcrição de duas reportagens, objeto dessa pesquisa, para discutir a respeito da intencionalidade educativa da mídia televisiva, ao alertar o grande público sobre crimes de preconceito racial na internet. Apresentamos uma análise semiótica do discurso subjacente em dois textos sincréticos, segundo a Semiótica do Discurso, da linha fundada por Greimas (2002), sobre o assunto abordado nas reportagens e que foram replicados na

internet, para contribuir com a discussão a respeito do preconceito e representações ideológicas cristalizadas que revelam, por sua vez, uma visão de mundo do brasileiro.

A MÍDIA COMO VEÍCULO PARA A PROPAGAÇÃO DE DISCURSOS EDUCATIVOS DE COMBATE AO PRECONCEITO RACIAL

Não se discute que os meios de comunicação prestam um serviço público pelo qual devem ser responsáveis e sua função educativa deveria, pois, ser primordial. Ademais a mídia comunica e informa, mas também é responsável por formar opiniões. Ela é portadora das notícias e mensagens produzidas e propagadas na e para a sociedade, além de gozar de credibilidade social, embora nem sempre seja utilizada de maneira ética, coerente e educativa.

Nesta pesquisa não nos detivemos sobre questões éticas na mídia, mas tratamos do seu potencial como veículo educativo. Tratamos aqui de analisar alguns momentos em que mídia se coloca a serviço de uma educação não formal.

Para Gohn (2006), a educação não formal desenvolve laços de pertencimento e ajuda na construção da identidade coletiva de um determinado grupo social, trabalhando e formando a cultura política deste e colaborando para o desenvolvimento de sua autoestima e do *empowerment*. Essa educação se fundamenta no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns, tornando-se parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo.

Numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais torna-se necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório (RIBEIRO, 2016).

A educação não formal de combate à discriminação racial, portanto, se dá por meio de um diversificado aparato legislativo, ações afirmativas, movimentos sociais, entre outras ações. Tais iniciativas nascem, em geral, da problematização da vida cotidiana dos sujeitos e o conteúdo pertinente a cada uma delas emerge de

temas que se colocam como necessidades, carências ou desafios a serem superados em relação ao preconceito racial (KYRILLOS, 2018)

Gohn (2006), portanto, afirma que os conteúdos da educação não formal não são dados a priori, mas se constroem no processo. Ademais esta não se subordina às estruturas burocráticas e tem como objetivo a formação integral dos indivíduos e é neste ponto que a autora afirma ter, esse tipo de educação, um caráter humanístico. Evidenciamos essa característica em discursos educativos manifestados na mídia, nesta pesquisa, por meio das reportagens e dos textos sincréticos que se seguirão, vez que nesses textos o espaço midiático foi utilizado para suscitar reflexões a respeito do preconceito racial e fomentar o sentimento de justiça e solidariedade para com as pessoas que foram vítimas daquele.

Segundo Sodré (1999), a mídia legitima a desigualdade social entre negros e brancos por sua capacidade de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais. Percebe-se, pois, que no espaço midiático ocorre grande parte das relações étnico-raciais brasileiras e que nesse espaço se reproduz, na maioria das vezes, a lógica racista. Em contrapartida, nesta pesquisa, a hipótese é a de que possamos pensar neste ambiente como um veículo que fomente discussões sobre o preconceito ético-racial, a fim de suscitar reflexões sobre o racismo no Brasil. Um lugar significativo para a abordagem do racismo de forma direta, sem melindres, sem eufemismos. A luta pela igualdade racial nos meios de comunicação, que vem sendo travada desde meados da década de 90, a partir da Constituição Federal (BRASIL, 1988), requer, pois, proporcionar visibilidade às discussões sobre o racismo, de maneira menos branda, e seu reconhecimento como violência ao direito subjetivo de outrem. Segundo Kyrillos (2018), podemos abordar a importância dessa obra a partir de muitos aspectos, enfatizamos aqui, em particular, a sua contribuição para repensar o mundo acadêmico e o fazer ciência. Para isso, é importante compreender que Djamila enfatiza que “[...] quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania.” (RIBEIRO, 2017, p. 61).

Para isso não podemos pensar em atos racistas como casos isolados, acidentais ou como uma exceção, isso reforça a ideia do “mito da democracia racial”. Tal termo denota a crença de que no Brasil não há racismo e de que a discriminação racial é, pois, esporádica. Strieder (2001) ilustra o otimismo brasileiro em relação à mistura de raças e o argumento de que as diferenças no Brasil eram acidentais e não essenciais, ou seja, o que distinguia o colonizador do índio e do negro era apenas sua condição social.

Embora a mídia dê luz ao fato, ao abrir espaço para discutir o racismo de forma mais adequada, ainda persiste no contexto atual o mito da democracia racial. Deste modo, precisamos refletir a respeito de como o racismo é estruturado por ações cotidianas e quais são seus efeitos e consequências. Isso permitirá que não se reforce a ideia de igualdade desejável, mas utópica, segundo Florestan Fernandes (2006), que salienta as distâncias sociais econômicas e culturais em nosso país.

ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO: REPORTAGENS

Para reforçarmos a ideia de combate ao preconceito racial trazida pelas reportagens e pelos textos selecionados, fizemos uma análise crítica dos mesmos e percebemos que, embora o teor das mensagens trazidas seja de repúdio ao racismo, há nelas ideologias eurocêntricas sobre as quais discutimos à luz da Semiótica greimasiana (KYRILLOS, 2018). Tratamos, ainda, da reconstrução do processo discursivo dos textos ora selecionados, segundo as estruturas do discurso, as etapas do percurso gerativo do sentido, identificando os sistemas de valores socioculturais neles veiculados. Segundo Prados (2008), podemos perceber nos discursos relações de dominação, redes de poder, vontade política, ou seja, valores imbricados nos discursos que podem ser descritos pela análise da semântica profunda do discurso, segundo a metodologia semiótica. Segue a transcrição dos textos nos jornais televisionados:

Texto 1: Famosos são vítimas de racismo nas redes sociais.

(Estúdio)

Thalita Oliveira: *A onda de ataques virtuais e reais a celebridades negras.*

Paulo Henrique Amorim: *Nessa semana foi um músico famoso e ele reagiu.*

(Gravação externa)

Narradora: *Um cantor jovem e bem-sucedido no mundo do funk e faz questão de ressaltar a origem humilde*

Nego do Borel (trecho de um clip): *Eu tenho orgulho de ser preto e de ser favelado.*

Narradora: *Mas no último domingo durante um show, numa boate no Rio, o cantor mudou o tom, furioso partiu para cima de um homem na plateia. Muitos não entenderam, mas essa foi uma reação do cantor a um ataque racista. As imagens gravadas por celular mostram o cantor bastante irritado, ele interrompe a apresentação. O funkeiro está agitado e vai para o canto do palco, os seguranças tentam acalmar o cantor e um grupo de rapazes que está na plateia. Exaltado Nego do Borel fala ao microfone, xinga alguém que está no meio do público. O cantor vai para o fundo do palco, se abaixa para amarrar o cadarço do sapato, não demora muito e o funkeiro toma uma atitude inesperada: vai para frente do palco e chuta as pessoas. Os seguranças tentam puxar o cantor, mas ele parte para cima da plateia. Não é possível identificar quem era o alvo do funkeiro. Começa a pancadaria. Dá para ver o momento em que um dos homens bate no funkeiro. No meio do tumulto alguém joga pedras de gelo e uma garrafa de água. O público vaia. Seguranças pulam do palco para tentar separar a briga. No meio da confusão um homem de camisa listrada empurra as pessoas, parece que ele tenta apartar a briga. Ele leva um soco e de repente saca uma arma e parte em direção ao agressor. Um segurança se aproxima, depois quando a câmera mostra novamente o homem de camisa listrada não é mais possível ver a arma. Este homem seria segurança particular de um frequentador do show. Nego do Borel é puxado de*

volta ao palco. O autor dos ataques não foi identificado.

Evelyn Bastos: Bom, o Nego está aqui para conversar com o pessoal do Domingo espetacular para saber exatamente o que aconteceu naquela noite, durante aquele show.

(Estúdio)

Paulo Henrique Amorin: O funkeiro Nego do Borel se envolveu numa briga ao reagir a uma ofensa racista

Thalita Oliveira: O músico conversou com nossa equipe e contou detalhes de como perdeu a cabeça.

(Gravação externa)

Narradora: O cantor afirma, ouviu diversas ofensas racistas.

Nego do Borel: Eu estava lá. A última coisa que eu queria era briga e tal, daí começou a vim pedra de gelo e tal, está macaco, que não sei o que, preto e tal, seu isso, seu aquilo, que eu não gosto, eu não quero lembrar que eu fico nervoso, nervoso não, eu fico triste.

Narradora: Nego do Borel se machucou, sofreu arranhões na testa e foi atingido no olho.

Nego do Borel: Foi são está até roxo aqui. Graças a Deus não ficou, não ficou... na hora doeu, foi uma pancada. Tacaram a pedra que chegou no meu olho. Na hora eu não sabia o que fazer daí eu perdi a cabeça, não sabia o que fazer.

Narradora: Nas últimas semanas outras personalidades negras foram vítimas de injúria racial. O ator mirim, Kaik Pereira foi chamado de safado, imundo, nojento, lixo. O texto falava até em morte: Se mata mano vc é negro [...] O pequeno Kaik está no elenco de Escarva Mãe. A próxima novela da Record. O ator ficou chocado com os xingamentos. [...]

Narradora: A polícia ainda investiga o caso. A cantora Ludmila também passou por constrangimento numa rede social. Um internauta escreveu: nojo, negra, macaca, feia. Ela reagiu: pessoas como você deveriam estar atrás das grades e não nas Redes sociais.

Ludmila: Foi equívoco de pessoas que não estão prontas ainda para ficar na sociedade assim, não tão, elas não tão atualizadas ainda, porque isso aí é

uma... Isso aí é uma pessoa invejosa que não está feliz com a vida, que se esconde atrás da foto de alguém para falar e denegrir a imagem e aí não tem nem como se irritar com uma pessoa dessa, porque a gente não sabe nem quem é né?

Narradora: *Na ocasião quem também comentou sobre o caso de Ludmila foi o próprio Nego do Borel. O funkeiro disse que ele não se importava com agressões.*

Nego do Borel: *Eu não ligo. Eu não estou nem aí. Até porque eu tenho orgulho de ser preto, funkeiro, favelado. Eu amo ser negro. Eu gosto da minha cor.*

Narradora: *Mas agora parece que até ele chegou ao limite.*

Nego do Borel: *(em continuação à entrevista inicial) Além de estar apanhando verbalmente, eu apanhei também fisicamente. Eu não estava preparado pra aquele momento, que eu acho que foi uma experiência para minha vida, para eu saber como lidar e tal.*

Ludmila: *(falando sobre o caso ocorrido com Nego) Ali né? Ele... Todo mundo ia perder a cabeça, que se fosse pessoalmente, né, gente? Ninguém se controla. O lado humano dele falou mais alto do que o artista que tem atrás dele. Você é o cara nego, parabéns! Beijo. (RECORD, 2015)*

Para Bakhtin (1990), todo discurso manifesta a presença de outros discursos, sendo a linguagem por natureza dialógica, uma vez que nela se cruzam as vozes de outrem. Deste modo podemos dizer que todo pensamento que se materializa em discurso é resultado de outras falas, ou seja, nenhum discurso é inovador. As ideias de Bakhtin nos fundamentaram, no sentido de fazermos uma análise crítica dos discursos que se seguem. Afinal toda voz carrega outras vozes e aquele ponto de vista que muitas vezes parece tão original e próprio de um determinado sujeito, na verdade subjaz de outros tantos pontos de vista. E, segundo a análise semiótica do discurso, descrevemos essas relações intersubjetivas.

Na análise dos textos jornalísticos aqui elencados, por exemplo, devemos lembrar que embora todo jornal falado ou impresso se diga imparcial, nenhum discurso é totalmente imparcial.

As reportagens em geral são um exemplo, antes de serem televisionadas são previamente elaboradas com recortes e falas, por seus editores, além de se construírem sobre ideologias ou sistemas de valores.

No texto 1 (um), os jornalistas e a narradora tentam ser o mais imparcial possível ao se referirem aos casos de discriminação sofrida pelas personalidades famosas, mas em um momento específico a narradora se posiciona, ainda que sutilmente, quando diz: *O cantor não procurou a polícia para prestar queixa. No Brasil preconceito racial é crime, pode resultar em uma pena de até 4 anos, mas para que haja punição é preciso denunciar.*

Neste caso a narradora se utiliza de um argumento de autoridade, referenciando a legislação brasileira, para questionar o fato de Nego do Borel, mesmo tendo sofrido agressões verbais e físicas, por conta da cor da sua pele, não recorrer à justiça o que contribui para a proliferação de atitudes racistas pela certeza da impunidade.

Nego ratifica a ideia de deixar os agressores impunes dizendo: *Não vai ser eu, não vai ser a polícia, não vai ser ninguém que vai fazer justiça com ele, vai ser papai do céu.* Por trás de sua fala pacificadora, Borel faz o que muitos amigos seus, negros ou brancos fazem, lava suas mãos diante do racismo, banaliza o crime cometido contra ele, perdendo a oportunidade de estender o debate sobre o preconceito sofrido cotidianamente por ele e por seus iguais.

Atitudes como essa refletem a existência do “mito da democracia racial”, conforme explica Sales Jr (2006), ou seja, a negação da existência do racismo. Leva-nos a pensar que atitudes racistas nem sempre acontecem e que isso é algo incomum em nossa sociedade. Isso se evidencia também na fala do ator Kaik Pereira, quando ele se pronuncia genuinamente a respeito dos xingamentos que sofreu nas redes sociais: *Quem é? Fiquei me perguntando quem é, mas eu queria saber e... Mas minha reação num... Fiquei em choque assim de ver aquilo, porque não é normal.*

O garoto não acha normal o preconceito sofrido, parece não compreender o ocorrido, porque acredita viver em um país, no qual, teoricamente, as diferenças se dão por questões econômicas e não pela cor da pele das pessoas. A fala das duas personalidades acima

citadas representa uma ideologia opressora que nega e tenta calar a questão do racismo, ou seja, se recusa a encará-lo como algo real, não abrindo precedentes para discussões posteriores ou reavaliação do assunto abordado.

Já, na fala da cantora Ludmila, revela-se uma atitude de repúdio e resposta imediata ao preconceito sofrido. Vejamos: *peessoas como você deveriam estar atrás das grades e não nas Redes sociais*. Percebe-se, nesta fala, a ideia de busca de justiça e de reconhecimento da gravidade do ato do agressor como um crime de fato.

A partir dessa análise, percebemos não só o racismo como um crime contra a pessoa humana, mas também, uma construção sociocultural cruel, na medida em que faz com que muitas pessoas negras constituam ideologias racistas e se coloquem como cúmplices das agressões sofridas por elas mesmas. Isso fica evidente quando Nego do Borel, após ser agredido verbalmente e fisicamente, com pedras de gelo, parte para cima de seu agressor.

O cantor tenta se justificar pela ação cometida e tira de foco a agressão sofrida. Vejamos: Foi é, está até roxo aqui. Graças a Deus não ficou, não ficou... na hora doeu, foi uma pancada. Tacaram a pedra que chegou no meu olho. Na hora eu não sabia o que fazer daí eu perdi a cabeça, não sabia o que fazer. Borel justifica o motivo pelo qual partiu para cima da plateia: perdeu a cabeça. Neste momento, ele se abstém da posição de vítima e se coloca na condição de cúmplice da agressão sofrida.

Texto 2: William Bonner interrompe Jornal Nacional para Maju comentar caso racismo enfrentado na net.

(Estúdio)

William Bonner: *Olha a Maria Julia recebeu hoje uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil. Hoje é o dia Nacional de combate à discriminação racial e uns 50 criminosos publicaram comentários racistas de maneira coordenada contra ela na página do Jornal Nacional no Facebook. Só que o que aconteceu depois de uma forma espontânea e avassaladora foi que milhares e milhares e milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos*

criminosos. Na internet a expressão: Somos todos Maju, ganhou todas as redes sociais.

Renata Ceribelle: *Isso também acabou provocando a reação das autoridades. No estado do Rio, por exemplo, o ministério público pedia à promotoria de investigação penal que acompanhe o caso com rigor na delegacia de repressão à crimes de informática e em São Paulo o promotor criminal Cristiano Jorge dos Santos, instaurou inquérito para apurar os crimes de racismos e injúria qualificada.*

Willian Bonner: *A Globo espera que essas ações cheguem a bom termo e que os criminosos sejam punidos de verdade. E, além disso, a própria Globo também está estudando as medidas judiciais cabíveis. Agora Maria Júlia, me deixa pedir um favor para você. Divide por favor com o público do Jornal Nacional aquela mensagem linda que você mandou para a gente por e-mail, hoje à tarde aqui. Porque estava todo mundo preocupado com você, cê mandou uma mensagem maravilhosa. Divide aqui com todo mundo.*

Maju: *Pois é Bonner, estava todo mundo preocupado, muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores, mas na verdade é o seguinte, gente: eu já lido com esta questão do preconceito né desde que eu me entendo por gente. Claro que eu fico muito indignada, fico triste com isso, mas eu não esmoreço, não perco o ânimo que eu acho que é o mais importante né? Eu cresci numa família muito consciente, de pais militantes que sempre me orientaram, eu sei dos meus direitos né? Então acho importante, claro, essas medidas legais para até que evitar novos ataques a mim e a outras pessoas né? Eu acredito que é... é muito importante e agora eu quero manifestar assim a felicidade que eu fiquei, porque é uma minoria que fez isso, né? Eu fiquei muito feliz com a manifestação de carinho mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails e mensagens, então eu acho que isso que é mais importante e a militância que eu faço gente é com o meu trabalho, é fazendo meu trabalho sempre bem-feito, sempre com muito carinho muita dedicação e muita competência, que acho que é o mais*

importante. E para finalizar Bonner e Renata é o seguinte: os preconceituosos ladram, mas a caravana passa. É isso.

William Bonner: *É isso. A Maju. Né Maju? A Majuzinha passa, é como você disse: os cães ladram...*

Maju: *Ah. Eu falei isso. Os preconceituosos ladram, mas Majuzinha passa. É isso.*

William Bonner: *É isso. Olha eu e a Renata falamos aqui em nome de todos os colegas da Globo. É claro que todos aqui repudiaram também essas agressões absurdas. Somos todos Maju né Renata?*

Renata Ceribelle: *Somos todos Maju. Hoje e sempre. Maju: Obrigada.*

Renata Ceribelle: *Tchau Maju.* (GLOBO, 2015)

No texto 2 (dois), percebemos de maneira mais evidente o discurso velado de uma elite, que embora se pretenda justa, ainda se pauta nos ditames de uma sociedade eurocêntrica e se apoia nas ideologias que regem o “mito da democracia racial”, veiculando a falsa ideia de igualdade racial. A expressão: “Somos todos Maju”, nos remete à ideia de identidade unitária do povo brasileiro e a existência de uma convivência pacífica entre os diferentes povos que em nosso país habitam.

Novamente, a questão do preconceito sofrido pela personalidade agora citada parece esporádica. Não há que se falar em preconceito somos todos iguais, poucos são os criminosos que perpetuam o racismo. Vejamos a fala de Bonner: *Olha a Maria Julia recebeu hoje uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil. Hoje é o dia Nacional de combate à discriminação racial e uns 50 criminosos publicaram comentários racistas de maneira coordenada contra ela na página do Jornal Nacional no Facebook. Só que o que aconteceu depois de uma forma espontânea e avassaladora foi que milhares e milhares e milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos criminosos. Na internet a expressão: Somos todos Maju, ganhou todas as redes sociais.*

O jornalista enfatiza que milhares, e milhares e milhares de pessoas repudiaram a ação dos 50 criminosos e comenta que a hashtag #Somos todos Maju# se replicou de maneira rápida nas redes socais, como se o problema do racismo sofrido pela mesma já

estivesse resolvido, desconsiderando a fissura moral causada à apresentadora ao ser xingada publicamente de "macaca", "vagabunda", entre outras agressões.

A apresentadora, contudo, oculta sua mágoa e reforça a ideia do colega de trabalho dizendo: [...] *e agora eu quero manifestar assim a felicidade que eu fiquei, porque é uma minoria que fez isso, né? Eu fiquei muito feliz com a manifestação de carinho mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails e mensagens, então eu acho que isso que é mais importante e a militância que eu faço gente é com o meu trabalho, é fazendo meu trabalho sempre bem-feito, sempre com muito carinho muita dedicação e muita competência, que acho que é o mais importante [...] os preconceituosos ladram, mas Majuzinha passa.*

Valores eurocêntricos são evidenciados nas falas dos apresentadores. A impressão que temos é a de que em nosso país atitudes racistas são casos esporádicos, ou parafraseando as palavras de Maju: uma minoria é racista, mesmo que anteriormente ela tenha dito que lida com a questão do preconceito desde que se entende por gente, sendo filha de militantes.

Voltamos então à questão do mito da democracia racial. É notório que a hashtag #Somos todos Maju# funciona como um recurso para equiparar-nos uns aos outros, reforçando a equivocada ideia de igualdade racial, induzindo o telespectador a pensar que a discriminação racial é infundada no contexto social brasileiro e que brancos, negros, amarelos ou vermelhos são de fato iguais e vivem "pacificamente" no Brasil.

No Brasil, a Revolução de 1930 e o Estado Novo caracterizaram-se pela incorporação tutelada das massas urbanas à sociedade oligárquica e pela construção de uma ordem institucional que permitisse a incorporação dos novos atores à arena política. A inclusão do "negro" deu-se por meio de políticas nacional-populistas de integração subordinada das classes e grupos populares e pela redução dos poderes das oligarquias tradicionais com suas ideologias racistas. (SALES JR, 2006, p. 230) (grifos dos autores).

Desta época, surgiu a ideia de igualdade racial que, ao contrário do que muitos pensam, foi uma estratégia política para organização de uma nova ordem institucional, o Estado Novo. Segundo Sales Jr (2006), era necessário integrar os negros à sociedade e tal integração se deu de forma subordinada, ou seja, o negro era considerado parte da sociedade, desde que sua posição fosse inferior à do branco por hierarquia.

A questão da indiferença contra o preconceito sofrido pelo próprio negro muitas vezes funciona como defesa, mas é resquício de uma integração ilusória deste na sociedade, ou melhor, de uma falsa democracia racial como vimos. A indiferença, pois, se esconde por trás da ideia de que o racismo só acontece em casos esporádicos e de que todo o brasileiro, independentemente da cor, tem as mesmas oportunidades em termos de educação, saúde etc., bastando apenas aproveitá-las para garantirem uma vida bem-sucedida. Reduzindo o próprio sujeito, excluído socialmente, a culpado por sua condição social fragilizada.

ANÁLISE SEMIÓTICA DO DISCURSO: TEXTOS SINCRÉTICOS

Figura 1 - Charge 1: Reflexões sobre o racismo - Somos Todos Maju

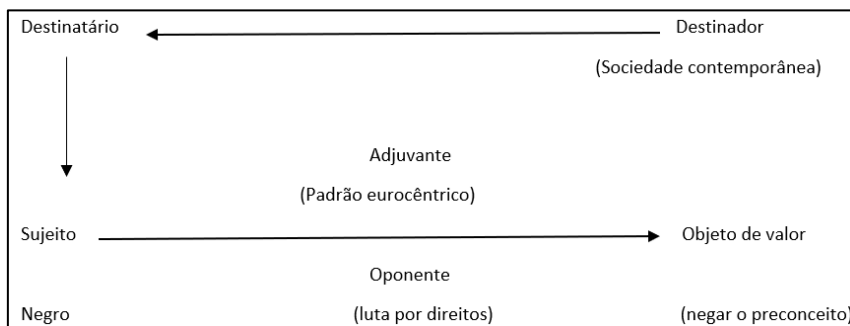


Fonte: Geledés (2015a)

A análise do percurso gerativo do sentido, que se inicia a partir da enunciação do discurso, objeto de estudo de Greimas (2001), permite evidenciar a ideologias subjacentes nos textos das charges, desde a superfície até a parte mais profunda dos mesmos, possibilitando-nos uma leitura menos ingênua destes. De acordo com essa metodologia, descrevemos as etapas desse percurso em que se gera o sentido, no nível superficial, das relações intersubjetivas, espaço e tempo; e, num nível mais profundo do discurso, a narrativa, das relações sintáticas dos percursos de manipulação e ação; e a semântica profunda, dos sistemas de valores.

Segue uma análise semiótica da estrutura narrativa do discurso, em que podemos observar o percurso de manipulação, entre destinador e destinatário, e o percurso de ação, entre sujeito e objeto de valor, bem como os adjuvante e oponente, no percurso de ação discursiva, de acordo com a metodologia semiótica:

Figura 2 - Relações Actanciais subjacentes à enunciação



Fonte: Os autores

O destinador do discurso manifestado nesse texto, sociedade contemporânea, num percurso de manipulação discursiva, instaura um sujeito que nega o preconceito. Nesse texto sincrético, evidencia-se o preconceito velado de maneira bem-humorada, quando coloca as personagens da figura se posicionando de diferentes maneiras em contextos sociais diferentes. Existe por parte do destinador, a intenção de fazer saber que o preconceito se dá de maneira enevuada em nossa sociedade, ou seja, o mesmo sujeito que critica o preconceito de outrem é o que se manifesta preconceituosamente

em contextos sociais e ou momentos diferentes. O destinador desse discurso evidencia a falta de posicionamento crítico das pessoas que se solidarizaram com a campanha, reproduzindo o jargão replicado nas diferentes mídias: “*Somos todos Maju*”, sem parar para se refletir sobre o racismo.

Isso é evidenciado da segunda parte da charge, quando o rapaz da cena três desconfia do jovem negro, advertindo a sua suposta esposa que tenha cuidado com a bolsa. Na cena quatro, a senhora estranha o fato de que a médica que a atende seja negra, chegando a questioná-la a esse respeito.

Eis novamente a ideia da integração subordinada, segundo Sales Jr (2006), quando a suposta igualdade existe, desde que as pessoas negras se sujeitem a circular em espaços não requisitados pelas pessoas brancas. Cenas desse tipo são cotidianas, existem muitas “*Majus*” em nosso país.

Ataques racistas ocorrem com frequência e não podem ser banalizados só porque o agredido não tem a visibilidade que Maju tem. Isso enfraquece a luta de muitos contra o preconceito, abrindo caminho para mais discriminação racial.

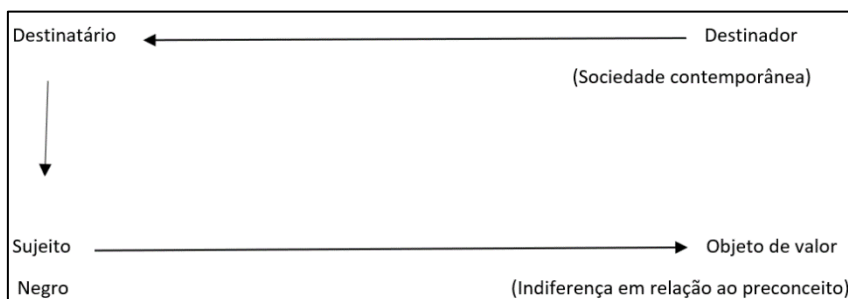
No seguinte texto, podem-se verificar os mesmos valores e relações interdiscursivas, de acordo com a análise semiótica da estrutura narrativa do discurso manifestado.

Figura 3 - : Charge 2: Ludmila



Fonte: Oliveira (2016)

Figura 4 - Relações Actanciais subjacentes à enunciação



Fonte: Os autores.

Existe por parte do destinador, na charge acima, a intenção de fazer saber sobre a indiferença da cantora Ludmila em relação ao preconceito por ela sofrido no carnaval de 2016. A socialite Val Marchiori teceu comentários racistas a respeito do cabelo da funkeira Ludmila, durante a transmissão do “Bastidores do Carnaval” da Rede TV. Disse, ao vivo, que o cabelo da cantora era similar a uma palha de aço. O comentário da socialite levantou discussões a respeito do racismo e se replicou na internet por meio de diferentes textos, dentre os quais a charge acima.

A indiferença da funkeira é evidenciada na charge pelas palavras ditas pela personagem no balão acima, ademais tal personagem assume uma posição de destaque no texto, estando em pé à frente da segunda personagem, com brilho nos cabelos evidenciado por efeito de uma espécie de estrela na imagem, o que enaltece a beleza natural de seus cabelos cacheados e fortalece a questão da beleza negra.

E, ao fundo, a personagem de Val Marchiori está em posição subalterna, ao chão, xingando a funkeira, com uma espécie de gosma saindo da boca, além de uma expressão facial maldosa. Tal imagem nos leva a inferir que a socialite é uma pessoa de caráter mais baixo, criminosa.

Evidencia-se, portanto, que o padrão eurocêntrico se opõe à beleza negra, pois, nesse texto, de acordo com a metodologia

semiótica na estrutura superficial do discurso, a figurativização concretiza o tema racismo.

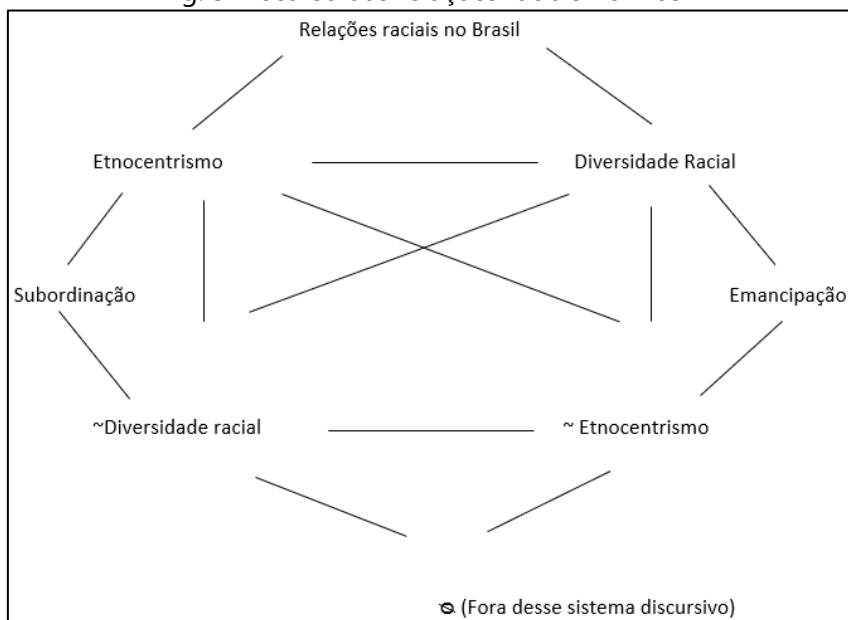
Nesse texto sincrético, composto pela linguagem verbal e não-verbal, evidencia-se o mito da democracia racial, por meio de uma redundância sêmica, da indiferença de Ludmila em relação às manifestações de racismo. Segundo Pietroforte (2006), no plano de conteúdo, desse texto da charge, a figuratividade semantiza as categorias sintáticas de pessoa, tempo e espaço. Na relação entre o verbal e o plástico, tanto a imagem quanto a legenda manifestam o mesmo percurso figurativo, evidenciando-se, portanto, uma ancoragem discursiva. A legenda explica a imagem, pois há uma redundância sêmica e a figuratividade formada no conteúdo do texto é expressa tanto no verbal, quanto pelo não-verbal.

Podemos analisar mais profundamente a figura 3 (charge da Ludmila), mas o faremos em conjunto com a figura 1 (charge da Maju), pois podemos verificar a interdiscursividade e intertextualidade. Em Semiótica, considera-se que nas estruturas mais profundas do discurso, a ideologia e sistema de valores se sustentam em contrários e contraditórios. Para tanto, desenvolveu-se um modelo com base na lógica.

O quadrado lógico aristotélico serviu como modelo de análise, na metodologia semiótica, ampliando-se e constituindo-se o octógono semiótico (PAIS, 2009), por meio do qual foi possível descrever, como veremos a seguir, as ideologias ou sistemas de valores, subjacentes aos textos das charges. Podemos verificar a axiologia, sistemas de valores das relações raciais no Brasil e as tensões discursivas em relação ao preconceito racial.

Nos textos sincréticos das charges, Figuras 1 e 3, verificam-se os contrários, Etnocentrismo X Diversidade Racial, subjacentes aos textos. De um lado a ideologia etnocêntrica, com a ideia da uniformidade racial e do outro a ideologia que valoriza e reconhece a diversidade étnico-racial brasileira, ou seja, a formação miscigenada do brasileiro.

Fig. 5 Discurso das relações raciais no Brasil



Fonte: Adaptado de Pais (2009)

Temos então, do lado esquerdo do octógono, o etnocentrismo que se caracteriza pela subordinação de algumas raças em relação a outras. No caso das figuras analisadas percebemos de maneira direta na figura 1 (charge da Maju) e de maneira indireta na figura 3 (charge da Ludmila), a ideia de subordinação do negro em relação ao branco, por meio do padrão eurocêntrico de civilização. Tal padrão tenta incutir na sociedade brasileira as normas e valores ocidentais.

Logo, os valores e a cultura do povo negro são rejeitados por aqueles que se autodenominam “brancos”. Por outro lado, percebemos também no discurso, o desejo de emancipação do povo negro. Tal desejo se pauta em uma ideologia que visa diminuir as desigualdades socioeconômicas e raciais brasileiras, desconstruindo o mito da igualdade racial.

O reconhecimento da diversidade racial funciona como um estímulo para pensarmos diferente. Verifica-se, nesse sentido, o papel da mídia, para fomentar reflexões sobre o fato. Isso nos possibilitará viver melhor, afinal, cada qual é especial ao seu modo e todos somos

diferentes uns dos outros, ainda que pertençamos ao mesmo grupo étnico-racial. São os processos histórico-culturais que caracterizam, ou fazem com que determinado povo tenha costumes e valores diferentes de outros, no entanto, por meio da mídia, novos discursos da justiça social e do exercício da cidadania estão presentes no Brasil. Vale lembrar que nenhuma pessoa nasce preconceituosa ou resistente às diferenças étnico-raciais, mas os discursos de diferenças de classes sociais, históricos, religiosos e relações de dominação formam o sujeito e sua visão de mundo.

Trata-se, portanto, de reconhecer que essas pessoas podem realizar quaisquer abordagens acadêmico-científicas, ou seja, tanto aquelas que envolvem de forma próxima as suas vivências (por exemplo, uma mulher negra falando sobre racismo e sexismo ou uma mulher lésbica ou bissexual abordando a violência da heteronormatividade compulsória) como àquelas inicialmente tidas como independentes de lugar de fala – a própria Djamilia questiona: “Quando existe algum espaço para falar, por exemplo, para uma travesti negra, é permitido que ela fale sobre Economia, Astrofísica, ou só é permitido que fale sobre temas referentes ao fato de ser uma travesti negra?” (RIBEIRO, 2017, p. 77).

Tanto nas figuras 1 (charge da Maju) e 3 (charge da Ludmila), como nas reportagens, evidencia-se que as relações raciais no Brasil aparecem em diferentes discursos, embora sejamos reconhecidos no exterior pela nossa “capacidade” de viver pacificamente com as diferenças de nosso povo. Nos dias atuais, manifestaram-se outros discursos, após a Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988), do Estado de Direito, dos Direitos Humanos que também formam o sujeito contemporâneo. Tivemos avanços, mas como podemos evidenciar nesta pesquisa ainda há muito que se fazer para diminuir a distância social entre negros e brancos no Brasil, haja vista os casos recentes de discriminação racial sofridos pelas personalidades aqui retratadas, sem esquecermos, claro, de tantos outros negros anônimos que sofrem preconceito racial cotidianamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito racial brasileiro existe de maneira velada, embora muitos canais midiáticos se disponibilizem a contribuir na veiculação da educação não formal de combate ao preconceito racial. Isso se dá porque o preconceito racial no Brasil é histórico, estrutural e para tanto temos ainda muito presentes discursos cristalizados na formação de nosso povo, como a escravidão e relações de dominação.

A análise semiótica aqui feita permitiu iniciarmos uma discussão a respeito da questão do preconceito racial, pois este se manifesta a partir de discursos que o constituíram. Esta análise do discurso de textos veiculados na mídia pretende contribuir para o avanço das pesquisas sobre discursos e saberes compartilhados no contexto sociocultural brasileiro e inclusive a respeito do papel educativo da mídia, ao proporcionar discussões sobre o racismo encoberto por discursos da igualdade, da solidariedade, da democracia racial. Afinal nos meios de comunicação são veiculados os discursos e mecanismos de manipulação e persuasão.

A análise do percurso gerativo do sentido, que se inicia a partir da enunciação do discurso, objeto de estudo de Greimas (2001), permitiu evidenciar a ideologias subjacentes nas reportagens e textos das charges, desde a superfície até a parte mais profunda dos mesmos, possibilitando-nos uma leitura menos ingênua destes. Ao percebermos os valores implícitos em um texto é possível refletirmos sobre nossas convicções e valores, para assim agirmos criticamente em relação à leitura de diferentes textos.

Após as análises feitas e diante da ideia de que vivemos em um mundo contemporâneo, em que se manifestam valores que discriminam e oprimem minorias, utilizando-se de diversos instrumentos de manipulação, cabe-nos refletir sobre esses valores socioculturais e a produtividade discursiva, passível de ser analisada segundo essa perspectiva da Semiótica do discurso.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 5.ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.

BRASIL. **Constituição Federativa do Brasil**, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 30 mar. 2022.

FERNANDES Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2 ed. São Paulo: Ed. Global, 2006.

GELEDÉS. Instituto da Mulher Negra. **Reflexões sobre o racismo**. 14 de julho de 2015a. Disponível em < <http://www.geledes.org.br/reflexao-sobre-o-racismo/> > Acesso em 26 mar. 2022.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio. Avaliação de Políticas Públicas, **Educação**. Rio de Janeiro. V. 14, Nº. 50, janeiro/março. p. 27-38, 2006. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ensaio/v14n50/30405.pdf> > Acesso em 28 mar. 2022.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da Imperfeição**. São Paulo: Hacker editores, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Del Sentido II. Ensaio semioticos**. Madrid: Gredos, 2001.

JORNAL DA RECORD. **Nego do Borel e mais famosos são vítimas de racismo nas redes sociais**. 15 de outubro de 2015. Disponível em < <http://noticias.r7.com/domingo-espetacular/videos/nego-do-borel-e-mais-famosos-sao-vitimas-de-racismo-nas-redes-sociais-15102015> > Acesso em 30 mar. 2022.

JORNAL NACIONAL. **William Bonner interrompe Jornal Nacional para Maju comentar caso de racismo enfrentado na net**. 03 de julho de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PH8vkEyJbA>. Acesso em 30 mar. 2022.

KYRILLOS, Gabriela M. **“O que é lugar de fala?” de Djamila Ribeiro**. *Captura Críptica: direito, política, atualidade*, v. 7, n. 1, p. 209-214, 2018.

MELO, Celso Eduardo Santos. **Racismo e violação aos direitos humanos pela internet**: estudo da Lei nº 7.716/89. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de São Paulo. 2010.

Disponível em

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-02082011-114422/pt-br.php> > Acesso em 29 mar. 2022.

MUNANGA, Kabengele. Nosso racismo é um crime perfeito. *In*: Entrevista. **Revista Fórum**, 09 fev. 2012. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2012/02/09/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

OLIVEIRA, Vini. **MC Ludmila sofre ataque racista de socialite brasileira**. 2016. Disponível em:

<https://vinioliveiracharges.wordpress.com/2016/02/09/mc-ludmilla-sofre-ataque-racista-de-socialite-brasileira/>. Acesso em 30 mar. 2022.

PAIS, Cidmar Teodoro. Considerações sobre a semiótica das culturas, uma ciência da interpretação: inserção cultural, transcodificações transculturais. **Acta semiótica et Lingvistica**. v. 14, n. 1, 2009.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. O Sincretismo entre as Semióticas Verbal e Visual. *In*: **Revista Intercâmbio**. V. 15. São Paulo:

LAEL/PUC-SP, 2006. Disponível em:

<http://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3636/2378>. Acesso em 30 mar. 2022.

PRADOS, Rosália Maria Netto. Linguagens e construção do sentido: os universos discursivos literários e as paixões. *In*: MELO, Eliana Meneses; PRADOS, Rosália Maria Netto; GARCIA, Wilton.

Linguagens, Tecnologias, Cultura. São Paulo: Editora Factash, 2008.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. **Sur**, v. 24, p. 99-104, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SALES JR, Ronaldo Laurentino. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo Social Revista de Sociologia da USP**. v.18. n.2, 2006, p. 229-258. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a12v18n2.pdf>. Acesso em 30 mar. 2022.

SODRÉ, Muniz. Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

STRIEDER Inácio. Democracia Racial: A partir de Gilberto Freyre. **Perspectiva Filosófica**. v. 8, n. 15. jan./jun. 2001. Disponível em: https://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf15_artigo10001.pdf. Acesso em 30 mar. 2022.

Recebido em: *Janeiro/ 2022*.

Aprovado em: *Março/ 2022*.